

REPORTAGEM ESPECIAL

MELHOR ESCOLA

O BOM EXEMPLO

DA SIMPLICIDADE

Sem recursos especiais ou fórmulas mirabolantes, escola pública mostra como bons profissionais fazem a diferença para um ensino de qualidade

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Nada de prédios modernos, tecnologia de ponta ou métodos pedagógicos inéditos e revolucionários. O que faz uma escola se tornar a melhor da rede estadual é algo simples, mas nem por isso fácil de encontrar em outras instituições públicas: a qualidade e o comprometimento dos seus professores. Campeã do Enem 2011 na rede estadual, a escola Victório Bravim tem acumulado conquistas a cada ano. No seu comando, está uma diretora que há 27 anos assumiu o compromisso de fazer o melhor pelos seus alunos. E ela consegue.

Localizada no interior de Marechal Floriano – mais precisamente no distrito de Araguaia, distante cerca de 20 km da sede do município –, a escola Victório Bravim atende a cerca de 340 alunos de 6º ao 9º anos do ensino fundamental e também do ensino médio.

Além da melhor colocação da rede estadual no Enem, seus alunos também alcançaram o 10º melhor resultado de toda a rede pública – só perderam para nove dos 11 campi do Instituto Federal de Educação (Ifes) avaliados. Em 2009 e em 2010, também ficaram em 1º lugar no ranking das escolas estaduais.

NA DIREÇÃO CERTA

À frente desse sucesso está Liane Maria Bravim Cateilan, 54 anos. Diretora da unidade desde 1987 e professora desde 1985, a ela vê sua história se confundir



“Qual o nosso diferencial? Não sei. A gente apenas trabalha para conseguir o melhor. E não estamos satisfeitos. Queremos mais e mais”

LIANE MARIA BRAVIM CATEILAN
DIRETORA

com a da própria escola. Afinal, é a responsável não só pela estruturação do ensino da Victório Bravim como também pelas mudanças que levaram, por exemplo, à criação do ensino médio na unidade, em 2002 – quando a escola também mudou-se para o espaço físico onde funciona hoje.

A direção, Liane assumiu quando o seu pai, Sidney José Bravim – então diretor da unidade – aposen-

tou-se. Apesar da coincidência dos sobrenomes, ela explica que não é parente do Bravim que dá nome à escola. “Ele era um antigo morador da cidade, a quem devemos muito, porque foram seus filhos que doaram o terreno para a construção da unidade”, diz.

Liane é a grande responsável pela motivação que leva professores e alunos a se engajarem em projetos transformadores. Desde o

surgimento das chamadas olimpíadas escolares nacionais, em meados dos anos 2000, por exemplo, a escola tem participação efetiva nas disputas e já conquistou dezenas de medalhas. Até na Olimpíada Brasileira de Astronomia – aberta também à participação de escolas particulares de todo o país – ela já fez medalhistas.

DESDE O INÍCIO

Os excelentes resultados

da Victório Bravim não aparecem apenas no ensino médio. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que avalia os alunos de escolas públicas em todo o país, ela está entre as 10 melhores do Estado nas séries finais do ensino fundamental desde que o índice foi criado, em 2005.

“Não treinamos os alunos para se saírem bem nas provas. Apenas nos preocupamos com a for-

mação deles para a vida. Queremos que eles sejam os melhores em tudo”, explica a diretora.

Um dos trabalhos desenvolvidos pela escola que, certamente, tem relação direta com tantos bons resultados é o projeto de leitura. Uma vez por semana, todas as turmas param suas atividades por 20 minutos para ler um livro. Ao final de um mês produzem, em grupo ou individualmente, um

FOTOS: VITOR JUBINI

FALA, ALUNO!

“AQUI, OS PROFESSORES QUEREM ENSINAR, E A GENTE QUER APRENDER”

Anny Karein Rossini

Aluna do 2º ano, medalhista nas Olimpíadas de Matemática em duas edições



Juntos, eles têm dez medalhas

Esses são quatro dos vários medalhistas que a escola Victorio Bravim já fez em olimpíadas escolares nacionais nos últimos anos. Henrique Gomes de Jesus, 15 anos, Rodrigo Gilles Guidi, 13, Anny Karein Rossini, 16, e Isaque Castelo Coutinho, 13, já conquistaram, juntos, 10 medalhas de bronze, prata e ouro nas Olimpíadas de Matemática das Escolas

Públicas (Obmep). As mais recentes são deste ano: Henrique e Rodrigo acabam de receber a medalha de prata. Além deles, Hugo Bravim Catelan, 16 anos – filho da diretora da escola, Liane Maria Bravim Catelan – ganhou medalha de bronze. No ano passado, Rodrigo chegou a ganhar medalha de ouro, e recebeu a premiação das mãos da presidente Dilma Rousseff, em agosto deste ano, no Rio de Janeiro. Segundo eles, a participação nas competições é sempre incentivada pelos pro-

fessores e pela diretora, que vibram com os bons resultados. “Diferente de outras escolas onde estudei, até mesmo particulares, aqui os professores estão a fim de dar aula e querem que os alunos se saiam bem nas provas. E os alunos, por outro lado, também estão a fim de estudar”, diz Anny. Além das medalhas, os alunos vencedores nas olimpíadas têm a chance de fazer um curso extra ao longo do ano. “Isso ajuda muito nas aulas. A gente aprende ainda mais”, conta Henrique.

FALA, PROFESSOR!

“ESTUDEI AQUI DESDE A 1ª SÉRIE, E VOLTEI PARA ENSINAR O QUE APRENDI”

Luciene Gilles Guidi

Professora de Língua Portuguesa do ensino médio



Grupo quer sempre fazer mais

O caso da professora de Língua Portuguesa da Escola Victorio Bravim, Luciene Gilles Guidi, revela parte do segredo de sucesso dessa escola do interior do Estado. Luciene foi aluna da instituição durante todo o ensino fundamental, saiu para fazer o ensino médio e curso superior em outra cidade – na época, não havia ensino mé-

– e voltou para dar aulas na unidade. Outros três professores que hoje dão aulas para o ensino fundamental e médio também são ex-alunos da unidade. “Sempre pensei em dar aulas, e aqui consegui uma vaga com facilidade, por ser interior. Encontrei exatamente o que eu queria. Nós temos um grupo de professores que se mantém firme no objetivo de fazer sempre o melhor pela nossa comunidade. É uma história, que se mantém em continuidade”, diz. O filho dela, Rodrigo Gil-

les Guidi, 13 anos, é o garoto que se tornou notícia nacional ao ganhar a medalha de ouro nas Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas, no ano passado. Um orgulho para quem está colhendo os frutos do seu próprio trabalho. “Valorizar os nossos alunos é valorizar a nossa escola. Aqui, não passamos para eles a ideia de que o ensino médio é o fim dos estudos, mas o início de tudo. E eles nos respeitam muito pelo nosso trabalho. Isso é fundamental”, defende.

CONHEÇA A ESCOLA

Histórico

O grupo escolar existe desde 1927 e funciona no atual espaço desde 2002

Atende a 340 alunos do 6º ao 9º anos do ensino fundamental e do ensino médio



Possui 17 professores - quatro efetivos

AS VITÓRIAS

- ✓ Desde 2005 - entre as 10 melhores públicas do ES
- ✓ Em 2011 - 5º melhor índice das públicas do Estado e o 1º da rede estadual
- ✓ Em 2009 - 1º lugar entre as estaduais e 3º entre as públicas

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

ENEM

Tem o melhor resultado da rede estadual do ES há três edições: 2009, 2010 e 2011

MÉDIAS em pontos

Em 2011, 34 alunos fizeram o exame: 543,5 Alunos da rede pública no país: 474,2

EM 2011

Os alunos do 3º ano alcançaram o nível proficiente em Língua Portuguesa e Matemática – melhor que a média das escolas do Estado

No 9º ano, não possui nenhum aluno com conhecimento abaixo do básico, e mais de 13% têm conhecimento avançado em Matemática

No 3º ano, 15% dos alunos têm conhecimentos avançados em Matemática e 12%, em Língua Portuguesa. Sabem mais do que é esperado para a série

trabalho a respeito do que leram. E o resultado é exposto no pátio que dá acesso às sete salas de aula da pequena unidade.

Desenhos, poesias, cartas e outras produções dividem espaço com as diversas faixas que parabenizam os alunos pelas conquistas no Enem, no Ideb, nas olimpíadas escolares e também em jogos olímpicos.

“É muito bom ter o reconhecimento da escola quan-

do você disputa uma medalha fora”, diz Inácio Kruger Stein, aluno do 3º ano do ensino médio, 17 anos, que acaba de voltar de Campinas (São Paulo), onde disputou ao lado de dois colegas a final da Olimpíada Nacional de História do Brasil.

FAMÍLIA E ESCOLA

Para Liane, a participação da família na escola é fundamental. Por isso, sempre que necessário, os pais

são chamados para reuniões. “Se o aluno está faltando ou recebe nota baixa, a gente leva os pais para conversar diretamente com o professor. O papel da família é levar os filhos para a escola e acreditar no nosso trabalho. E o nosso papel é dar motivo para que eles acreditem em nós”, defende.

E ela acredita tanto que nunca pensou em deixar seus próprios filhos estudarem em outro lugar. “Meu fi-

lho mais velho está se formando em Medicina na Ufes. Estudou a vida toda aqui. Tenho outro filho no 3º ano e uma na 6ª série. Sinto um orgulho imenso do nosso trabalho e confio demais na nossa equipe”, conta.

Equipe, aliás, que só não é mais fortalecida porque 13 dos 17 professores da escola trabalham em regime de dedicação temporária, e, por isso, passam apenas dois anos, no máximo, na escola.

“Isso atrapalha um pouco, porque quando o professor começa a se envolver, ele tem que sair. Mas sempre fazemos todo o esforço para que ele se integre rapidamente ao grupo”, diz.

O grande projeto da escola se resume em trabalho, ela diz. “Os alunos querem estudar aqui porque dizem que somos exigentes. E, de certa forma, somos. Exigimos disciplina, organização e estudo. Temos problemas

como qualquer outra escola, mas estamos aqui para dar a eles o nosso melhor”, diz enchendo-se de orgulho ao falar dos ex-alunos que costumam encontrar pelas ruas. “Chega me arrepiando quando eles contam que fizeram faculdade, mestrado, doutorado. Era isso mesmo que eu queria que acontecesse”.

gazetaonline.com.br

/cidades. Assista ao vídeo com depoimento de alunos e professores.